

A formação na vida consagrada: problemas, desafios e perspectivas

Pe. Mateus Locatelli¹

A formação na vida consagrada deve atingir a pessoa na sua profundidade e totalidade. A partir desses pressupostos compreendemos a fala do Papa Francisco à União dos Superiores Gerais, em novembro de 2013, quando afirmou que a formação é uma “obra artesanal e não policial”. Assim, o maior desafio é formar homens e mulheres inteiros e maduros, capazes de assumir a vocação como um dom e um serviço à Igreja e ao povo de Deus, sendo no mundo sinais de esperança.

Numa perspectiva positiva, se procurará apresentar um breve panorama da formação na vida consagrada, com seus problemas e desafios, os quais todos nós sabemos enumerar e igualmente conhecemos o impacto que causam na vida dos religiosos e, por conseguinte, na vida da Igreja e da nossa Ordem. Isso, conforme observa Francisco, é derivado também da cultura de nosso tempo, pois “vivemos imersos na chamada cultura do fragmentado e do provisório”², a qual afeta diretamente a nossa forma de compreender a Igreja, a vida consagrada e o mundo, bem como a forma como este nos olha e nos compreende.

O documento *O dom da fidelidade, a alegria da perseverança*, elaborado pela Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, no início da primeira parte, reflete acerca dos abandonos da vida consagrada e convida para que não tenhamos um olhar distraído ou míope. Para isso, devemos identificar o que fazer e quais caminhos percorrer para discernir, prevenir e acompanhar, mediante processos de apoio e de cuidado integral, aqueles que passam por períodos de dificuldade.³

Em outro documento, *Para vinho novo, odres novos*, a Congregação para a Vida Consagrada levanta uma reflexão que deve nos fazer pensar: “a frustração,

¹ Camiliano da Província Camiliana Brasileira.

² Papa Francisco no discurso aos participantes na plenária da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, 28 de janeiro de 2017.

³ CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *O dom da fidelidade, a alegria da perseverança: orientações*. CNBB: Brasília, 2020, p. 18.

por vezes, faz encarar o abandono como a única saída para não sucumbir”⁴. Com isso, encara-se a saída como a única forma de continuar sendo fiel, sobretudo pela dificuldade, em sã consciência, de viver a infidelidade à opção fundamental e continuar dormindo tranquilamente.

O chamado que Deus nos faz não nos isenta da fragilidade e da vulnerabilidade. Cientes disso, procuramos, em determinado momento de nossa vida, responder à nossa inquietação vocacional dando o melhor de nós mesmos, como, por exemplo, quando fazemos renúncias devido às escolhas que dão sentido à nossa vida e à forma que escolhemos para amar. Portanto, é no chamado de Deus que encontramos a força para superar nossas fragilidades, porém respondemos a Ele como pessoas vulneráveis.

Para tal, segundo o salesiano Pe. Ronaldo Zacharias⁵, é necessário que todo consagrado passe de um narcisismo perfeccionista ao abandono a Deus como protagonista da nossa história, fundamentando a sua resposta vocacional na certeza de que somos chamados por Deus, de que participamos por graça desse amor, de que Ele é a fonte da nossa identidade e de que nos capacita a amar como Ele ama. Nesse sentido, como vocacionados, somos continuamente provocados e precisamos nos deixar interpelar constantemente acerca da nossa maneira de pensar, de querer e de agir.

Ainda segundo Zacharias⁶, é importante saber por onde caminhar, e, por isso, é preciso olhar de forma unitária os quatro elementos que compõem a vida consagrada e/ou sacerdotal e que necessitam ser aprofundados em nossos programas formativos, seja na formação inicial ou permanente:

- 1. O primado de Deus** – consiste em entregar a Ele nosso coração, nossa vida e nossas forças, conformando a Jesus nossos sentimentos. Isso humanizará nossa vida pessoal, nossas relações com os outros e nossa missão apostólica, fazendo com que escutemos o grito dos doentes.
- 2. O serviço aos mais necessitados** – consiste em situar-nos na Igreja e na sociedade como pastores, conferindo à nossa vida de consagrados um tom

⁴ CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *Para vinho novo, odres novos*. A vida consagrada desde o Concílio Vaticano II e os desafios ainda em aberto. Orientações. São Paulo: Paulinas, 2017, n. 12b

⁵ ZACHARIAS, Ronaldo. *Fragilidade vocacional e institucional: da crise de credibilidade à fidelidade na fragilidade*. In: TRANSFERETTI, J. A.; MILLEN, M. I.; ZACHARIAS, R. Formação desafios morais 2. Paulus, São Paulo, 2020, p. 75-76.

⁶ *Ibid.*, p. 77-80.

concreto, caminhando com aqueles que sofrem, ajudando-os a acolher o amor de Deus em suas vidas.

3. **A fraternidade da comunhão** – consiste na passagem da vida em comum para a comunhão de vida, pois ninguém vive onde não há amor e onde não se sente amado. Quando nossas relações são formais e pouco significativas tendemos a nos refugiar num mundo privado e buscar compensações por aquilo que sentimos falta.⁷
4. **A vivência alegre dos conselhos evangélicos** – consiste em expressar que o testemunho do seguimento a Jesus manifesta-se na alegria de quem se entregou sem reservas e, por isso, pode abraçar com liberdade a obediência, a pobreza e a castidade e, no nosso caso, o cuidado dos doentes mesmo com risco da própria vida.

Portanto, no processo formativo inicial e permanente, esses pontos, necessariamente, precisam ser considerados, pois do contrário tornam-se apenas um ideal e não uma realidade. Somos e continuaremos sendo vasos de barro⁸, no entanto, em alguns momentos, falta uma identificação com o tesouro (carisma) causando a frustração. Já em outros, a fragilidade do vaso impede que se manifeste a riqueza do tesouro. Por isso, ao longo da formação é fundamental a compreensão da diferença entre **ter vocação e viver com vocação**, pois quem vive como vocacionado sente-se continuamente chamado por Deus, fazendo a experiência Dele na história, tornando-se um contemplativo na ação.⁹

Nesta mesma direção, a segunda parte do documento *O dom da fidelidade, a alegria da perseverança*, considera que “se a fidelidade é a virtude essencial a toda relação interpessoal, a perseverança é a virtude específica do tempo: elas interpelam sobre a relação com o outro”¹⁰. Este binômio está presente nos textos do Magistério sobre a vida consagrada, uma vez que “a perseverança é uma qualidade indispensável à fidelidade”¹¹. Por isso, numa comunidade verdadeiramente fraterna, cada membro se sentirá corresponsável pela fidelidade

⁷ Cf. *Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis* (RFIS), n. 90c: “o *húmus* da vocação ao ministério sacerdotal é a comunidade, porquanto é dela que o seminarista provém, para lhe ser de novo enviado a servi-la, depois da ordenação”.

⁸ Cf. Jr, 18,4-2Cor 4,7.

⁹ ZACHARIAS, Ronaldo. *Fragilidade vocacional e institucional: da crise de credibilidade à fidelidade na fragilidade*, 2020, p. 83.

¹⁰ CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, 2020, p. 31.

¹¹ *Ibid.*, p. 37.

do outro, estará atento aos momentos de cansaço, isolamento e desmotivação do irmão, oferecendo apoio a quem estiver aflito. Assim, é a comunidade que sustenta a perseverança dos seus membros, sendo um sustentáculo para a fé e para a fidelidade.¹²

Feitas tais considerações, sem a pretensão de ter esgotado todas as possibilidades de reflexão, passaremos para um segundo momento em que serão apresentados o que consideramos os maiores desafios e problemas da formação para a vida consagrada. Também neste tópico traremos alguns pontos que consideramos importantes para a reflexão, os quais permanecem abertos e deverão ser tratados num caminho que continuará ao final deste Capítulo Geral, como Ordem dos Ministros dos Enfermos, nas nossas Províncias, Vice províncias, Delegações e Comunidades.

Desafios, problemas e perspectivas

Um primeiro e grande desafio foi, é e será a **vida comum**¹³, pois sem uma boa vida fraterna em nossas comunidades religiosas todo projeto formativo nasce manco ou falido, uma vez que não se pode apenas falar de comunidades formativas, mas de Províncias e uma Ordem que sejam formativas, entendendo a vida comum como uma *schola amoris*, pois de nada adianta nas comunidades de formação haver momentos de oração, retiros e encontros se isso não é vivenciado como valor e estilo de vida por todos os religiosos.

Na exortação apostólica *Christus vivit*, o Papa Francisco nos convida a criar um lar, tecendo “laços que se constroem com gestos simples, cotidianos e que todos nós podemos realizar. Um lar, todos nós sabemos muito bem, precisa da cooperação de todos. Ninguém pode ser indiferente ou alheio, já que cada um é pedra necessária em sua construção”¹⁴. Nesse contexto, muito mais nós,

¹² Cf. CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *Instrução a vida fraterna em comunidade: Congregavit nos in unum Christi amor*. Roma 02 de fevereiro de 1994.

¹³ Decreto *Perfectae Caritatis*, n.15.

¹⁴ FRANCISCO. *Exortação apostólica pós-sinodal: Christus vivit: para os jovens e para todo o povo de Deus*. Paulus: São Paulo, 2019, p. 86, n. 217.

consagrados, somos chamados a formar comunidades humanas como lugares de acolhida, verdadeiros lares¹⁵.

Um segundo desafio do processo formativo é a **transparência**, a qual é necessária ao longo do período de formação e após ele. Temas como a importância da empatia, da educação para a verdade, do autoconhecimento, da autonomia responsável, do respeito ao nome e à honra do outro, da transparência individual e comunitária, da confidencialidade e do sigilo precisam ser vivenciados para que os formandos sintam a segurança e a autenticidade do processo formativo.¹⁶

Nesse sentido, nossas comunidades precisam propiciar “um ambiente saudável, confiável, estruturado, que proporcione cuidado, segurança e companheirismo, um lugar que permita os formandos viverem suas feridas, mencioná-las e começar a curá-las”¹⁷. Portanto, o formador não pode ficar indiferente aos dramas dos formandos, mas propor um caminho pedagógico de superação, para que eles assumam a própria humanidade com suas limitações e capacidades, deixando-se conduzir à verdade com fidelidade.¹⁸

Tal caminho implica abertura, capacidade de diálogo e acolhida¹⁹. Se o formando não percebe que o formador ou o processo está disposto a acolhê-lo não será transparente, passando a utilizar máscaras, as quais podem ser reveladas tarde demais. Portanto, é necessário fugir de uma formação de massa e começarmos a considerar a individualidade, pois cada formando é único. Para isso, o seminário deve proporcionar espaços de expressão da subjetividade de cada indivíduo.

Um terceiro desafio é a superação da ideia de que a **responsabilidade pela formação** é apenas de um formador ou de uma equipe, pois todos devemos participar “desta atividade com testemunho pessoal, a oração e a evangelização”²⁰. A formação de uma Ordem é responsabilidade de todos, pois não existe

¹⁵ Sugere-se para leitura o artigo do então cardeal Ratzinger, de fevereiro de 1990 – “*Seminário não um hotel, mas uma casa*”.

¹⁶ COELHO, Mário Marcelo. *Confidencialidade e transparência: a responsabilidade e o compromisso com a verdade*. In: TRANSFERETTI, J. A.; MILLEN, M. I.; ZACHARIAS, R. Formação desafios morais. Paulus, São Paulo, 2018, p. 50.

¹⁷ *Ibid.*, p. 63.

¹⁸ TRANSFERETTI, José Antonio. *O papel dos formadores na formação: para além da mera formalidade e aparência*. In: TRANSFERETTI, J. A.; MILLEN, M. I.; ZACHARIAS, R. Formação desafios morais 2. Paulus, São Paulo, 2020, p. 147-158.

¹⁹ Esse caminho de diálogo pode ser iluminado pela passagem dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35). Jesus escuta, acompanha, fala, adverte, apresenta um caminho, orienta e, ao final, permite que os discípulos façam a escolha de forma livre e consciente.

²⁰ *Constituição*, n. 71.

comunidade formativa, como já acenamos, sem que haja uma estrutura maior que dê testemunho pautado nos valores da vida consagrada. Talvez este seja o motivo da dificuldade de se encontrar religiosos para assumir tal missão. Portanto, o desafio é pensar o processo de forma mais ampla, considerando a corresponsabilidade de todos.

Nesse sentido, precisamos ter presente qual é o modelo antropológico que estamos buscando implantar nos nossos programas de formação. A resposta, possivelmente trará consequências para o nosso modo de viver como consagrados e de responder aos sinais dos tempos. É fato que as características de um formador “não se adquirem espontaneamente nem de improviso, mas através de formação cuidadosa”²¹, a qual engloba a maturidade humano-afetiva, espiritual, pastoral e carismática.

Por isso, é urgente que tenhamos religiosos formados e sendo formados para exercerem tal função de serviço à Igreja e à Ordem, “sem receio de ‘deixar as grandes necessidades apostólicas e as situações de urgência’ em que as Províncias e Delegações possam se encontrar”²², uma vez que este é um dos ministérios mais delicados.

Um quarto desafio é a **urgência de formar o coração**, pois a necessidade de uma nova cultura formativa da vida consagrada há de levar em consideração a dimensão humana do consagrado, como questão central tanto na formação inicial como na permanente. Assim, segundo a *Ratio Fundamentalis*, a formação humana é uma dimensão essencial, inclusive para a evangelização e para a missão.²³ Dessa forma, é fundamental pensar o processo de formação de forma integrada entre as diferentes dimensões.

Para tal, se faz necessário abordar todos os temas que tocam o humano: compreensão de Deus, sentimentos, medos, fantasmas, realidade que nos circunda, afetividade e sexualidade, visando formar o coração a partir de uma dinâmica de comunhão, que tenha como modelo Jesus Cristo, o Bom Pastor²⁴. E nós, como seus discípulos-missionários, temos por missão experimentar os gestos do Mestre e traduzi-los nos diversos ambientes em que vivemos.

²¹ *Regulamento de Formação da Ordem dos Ministros dos Enfermos*, n. 41.

²² *Ibid.*, n. 37.

²³ Cf. RFIS, 97.

²⁴ Cf. Jo 10,1-18.

Para o Papa Francisco, a formação não pode ficar alheia aos sofrimentos humanos, de maneira que a formação do coração deve proporcionar aos candidatos o conhecimento e a experiência de suas próprias contingências, necessidades, desejos, fragilidades e feridas, sendo como barro envolvido pelo amor do Senhor.²⁵ Portanto, urge pensar uma formação do coração que seja empática e que olhe de forma integral tanto o candidato à vida religiosa como o consagrado.

Um quinto desafio é a **urgência de itinerários de formação para a castidade**.²⁶ A Igreja muito tem sofrido, ao longo dos anos, com os escândalos de abuso de menores e de pessoas vulneráveis, os quais são uma grande chaga na vida eclesial. Por isso, é urgente e necessário, desde o processo de formação, criar uma cultura de proteção e um itinerário de formação que aborde assuntos relacionados à dimensão afetivo-sexual, a qual é constitutiva da pessoa e a acompanha do nascimento até a morte. Dessa forma, uma pessoa integrada afetiva e sexualmente certamente será mais livre ao relacionar-se com pessoas, estruturas e até mesmo com as coisas.

Aqui temos um desafio que é emergente em nossos programas de formação e, para tal, faz-se necessário contar com o auxílio de pessoas formadas na área da psicologia e da sexualidade. Primeiramente, para construir itinerários formativos, mas também para auxiliar-nos na sua implantação. Numa comunidade formativa é o formador quem dá a tônica para o acompanhamento, por isso, a importância de formadores integrados afetiva e sexualmente e que favoreçam o encontro com profissionais, leituras e estudos comunitários sobre o tema.

Um sexto desafio é a **forma como lidamos com o poder e uso dos bens materiais**. Acerca disso, Jesus nos faz refletir para não juntar tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem corroem,²⁷ pois quando Deus deixa de ser o centro da nossa consagração e ministério, outras realidades passam a ocupar o lugar Dele. Aqui emergem os problemas do clericalismo, do carreirismo, do exibicionismo, da autorreferencialidade que matam a vocação e passam a ver o outro como um inimigo e não como um coirmão de caminhada.

²⁵ CARVALHO, Humberto Robson de. *A urgência de formar o coração*. In. VEIGA, A. C. da; ZACHARIAS, R. Igreja e escândalos sexuais: por uma nova cultura formativa. Paulus, São Paulo, 2019, p. 150.

²⁶ FARIA, Michel Dutra de. *A urgência de itinerários de formação para a castidade*. In. VEIGA, A. C. da; ZACHARIAS, R. Igreja e escândalos sexuais: por uma nova cultura formativa. Paulus, São Paulo, 2019, p. 275-292.

²⁷ Cf. Mt 6,19

Portanto, no contexto formativo, urge fazer com que os jovens amadureçam sua subjetividade no mais profundo de suas consciências, pois, a depender do grau de narcisismo, exibicionismo e autorreferencialidade, poderão ter muita dificuldade de amar de forma oblativa e de respeitar a liberdade dos demais, sem a constante tentação de seduzirem todos ao seu redor.²⁸ É urgente entender a vocação como um serviço²⁹ a Deus e à Igreja.

Além destes indicados, temos inúmeros outros desafios que estão presentes tanto no acompanhamento vocacional quanto nas casas de formação ou nas comunidades religiosas e que necessitam ser enfrentados a nível de Ordem. Tal enfrentamento é importante pois dará a tônica dos futuros consagrados e, por conseguinte, da missão e do ministério camiliano na Igreja e no mundo.

No acompanhamento vocacional nos deparamos com o desafio das vocações adultas; do clericalismo; dos egressos de um, dois ou mais seminários; de pessoas desestruturadas humana, psicológica e espiritualmente; dos novos modelos de família; de jovens ligados a movimentos tradicionalistas, conservadores ou à renovação carismática.

Nas casas de formação e nas casas religiosas há o desafio da exposição nas redes sociais; a presença dos ciberformadores; a fragilidade vocacional e institucional; o ateísmo prático... Além destes, há ainda o esgotamento e a perda do sentido (*burnout*), o qual tem gerado adoecimento coletivo e um grande **sofrimento psíquico**, provocando um estado de profunda angústia, desamparo e abandono, extraindo da pessoa as forças afetivas, gerando sintomas graves de depressão que afetam o seu dia a dia. No Brasil, em 2021, mais de 10 padres (religiosos e diocesanos) cometeram suicídio. Diante desse dado alarmante, como Igreja e vida consagrada, não podemos permanecer inertes e em silêncio.

Conclusão

Toda essa realidade apresentada deve ser considerada ao pensarmos nossos projetos de formação, pois eles não funcionam apartados ou independentes da

²⁸ ALMEIDA, André Luiz Boccato de. *Exibicionismo narcisista e autorreferencialidade: o risco pecaminoso da idolatria de si mesmo*. In: TRANSFERETTI, J. A.; MILLEN, M. I. de C.; ZACHARIAS, R. Formação desafios morais 2. Paulus, São Paulo, 2020, p. 263-284.

²⁹ Cf. Jo 13, 1-20 – o lava-pés como maior expressão de doação e de serviço – “Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais” (Jo 13,15).

estrutura da Igreja, da Ordem e das Províncias. Por isso, essa reflexão, é importante numa sala capitular, é necessário parar para refletir acerca da nossa forma de presença como carisma na Igreja e no mundo.

O documento *Para vinho novo, odres novos*, recorda que não faltam nos jovens aspirações por valores genuínos pelos quais estão dispostos, seriamente, a empenhar-se. É possível reconhecer neles uma abertura para a transcendência, uma capacidade de se apaixonar por causas de solidariedade, justiça e liberdade. Contudo, o documento constata que “a vida religiosa, com seu estilo estandarizado, demasiadas vezes fora do contexto cultural, e o afã excessivo pela gestão de obras corre o risco de não captar o desejo mais profundo dos jovens”³⁰.

Diante dessa constatação da própria Congregação para a Vida Consagrada, trazemos à reflexão uma parábola de Theodore Wedel sobre o *Posto de resgate*, a qual pode muito bem nos advertir sobre o perigo da irrelevância:

“Numa perigosa costa, onde os naufrágios são frequentes, havia, certa vez, um rudimentar, pequeno posto de resgate. A edificação não passava de uma cabana e havia um só barco salva-vidas. Mesmo assim, os membros, poucos e dedicados, mantinham uma vigilância constante sobre o mar e, sem pensar em si mesmos, saíam dia e noite, procurando incansavelmente pelos perdidos. Muitas vidas foram salvas por esse pequeno posto, de modo que acabou ficando famoso.

Algumas das pessoas que haviam sido salvas, além de várias outras residentes nos arredores, queriam associar-se ao posto e contribuir com seu tempo, dinheiro e esforço para manter o trabalho de salvamento. Novos barcos foram comprados e novas tripulações treinadas. O pequeno posto de resgate cresceu.

Alguns membros do posto de resgate estavam descontentes com o fato de o prédio ser tão rudimentar e tão pouco equipado. Achavam que um lugar mais confortável deveria servir de primeiro refúgio aos naufragos salvos. Assim, substituíram as macas de emergência por camas e puseram uma mobília melhor no prédio que foi aumentado.

Agora, o posto de resgate tornou-se um popular lugar de reunião para os seus membros. Deram-lhe uma bela decoração e o mobiliaram com requinte, pois

³⁰ CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *Para vinho novo, odres novos*. A vida consagrada desde o Concílio Vaticano II e os desafios ainda em aberto. Orientações. São Paulo: Paulinas, 2017, n. 12c

o usavam como uma espécie de clube. Agora, era menor o número de membros ainda interessados em sair ao mar em missões de salvamento. Assim, tripulações de barcos salva-vidas foram contratadas para fazer este trabalho. O lema salvar os náufragos ainda se mantinha como parte da decoração, e havia um barco salva-vidas que permanecia ritualmente no lugar onde eram realizadas as cerimônias de admissão dos novos membros ao clube.

Por essa época, um grande navio naufragou ao largo da costa e as tripulações contratadas trouxeram uma grande quantidade de pessoas com frio, molhadas e semiafogadas. Elas estavam sujas e doentes. O belo e o novo clube estava em caos. Por isso, o comitê responsável pela propriedade imediatamente mandou construir um banheiro do lado de fora do clube, onde as vítimas de naufrágios pudessem se limpar antes de entrar.

Na reunião seguinte, houve uma cisão entre os membros do clube. A maioria dos membros queria suspender as atividades de salvamento por serem desagradáveis e atrapalharem a vida social normal do clube. Alguns membros insistiram que o salvamento de vidas era seu propósito primário e chamaram a atenção para o fato de serem de que eles ainda eram chamados posto salvamento.

Mas por fim estes membros foram derrotados na votação. Foi-lhes dito que se queriam salvar as vidas de todos os vários tipos de pessoas que naufragassem naquelas águas, eles poderiam iniciar seu próprio posto de salvamento mais abaixo naquela mesma costa. E foi o que fizeram.

Com o passar dos anos, o novo posto de resgate passou pelas mesmas transformações ocorridas no antigo. Acabou tornando-se um clube, e mais um posto de salvamento foi fundado. A história continuou a repetir-se, de modo que, quando se visita aquela costa hoje em dia, encontra-se vários clubes exclusivos ao longo da praia. Naufrágios ainda são frequentes naquelas águas, mas a maioria das pessoas morre afogada”.